

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAURÍCIO EDUARDO BERNZ

**DA CRÍTICA DE NIETZSCHE À MORAL CRISTÃ PARA UMA EDUCAÇÃO
PAUTADA NA AUTONOMIA**

**CURITIBA
2016**

MAURÍCIO EDUARDO BERNZ

**DA CRÍTICA DE NIETZSCHE À MORAL CRISTÃ PARA UMA EDUCAÇÃO
PAUTADA NA AUTONOMIA**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado para a obtenção do título
de Especializadoem Filosofia da
Educação na Universidade Federal do
Paraná.**

Orientador: Prof. Gelson João Tesser

**CURITIBA
JANEIRO DE 2016**

*“Aprendi a andar: desde então corro.
Aprendi a voar: desde então, não quero ser
empurrado para sair do lugar. Agora sou
leve, agora voo...”*

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

BERNZ, Maurício Eduardo. **Da crítica de Nietzsche à moral cristã para uma educação pautada na autonomia**. 30p. Monografia (Filosofia da Educação – Universidade Federal do Paraná). Curitiba, 2016.

O presente trabalho busca, a partir do pensamento de Nietzsche, explicitar a crítica que o filósofo dirige ao cristianismo, correlacionando com a educação. O problema da religião cristã, para Nietzsche, consiste em se apostar numa outra vida situada em outro mundo, desvalorizando, assim, esta vida e o mundo presente. Ao não suportar os sofrimentos e angústias da vida, o homem cria, em forma de rebanho e movido por um ressentimento, uma fuga para a metafísica, mesmo que isto exija submeter sua liberdade a uma moral. Nietzsche se empenha em resgatar o homem novamente para o mundo real, apresentando-o a figura do super-homem, um ser forte que enfrenta todos os desafios da vida em nome da grande saúde. O super-homem afirma o vir-a-ser, o constante sim a vida, aceitando tudo que dela brotar. Nesta perspectiva filosófica, busca-se apresentar as contribuições de Nietzsche para a educação pautada na autonomia de pensar por si mesmo.

Palavras-chave: Cristianismo, Ressentimento, Super-homem, Educação, Autonomia.

ABSTRACT

BERNZ, Maurício Eduardo. **The critique of Nietzsche to Christian morality for a guided education in autonomy**. 30p. Monograph (Philosophy of Education – Universidade Federal do Paraná). Curitiba, 2016.

This job search, from the thought of Nietzsche, explicit criticism that the philosopher leads to Christianity, correlating with education. The problem of the Christian religion, for Nietzsche, is to place a bet in another life located in another world, devaluing, thus this life and this world. When not bear the sufferings and anxieties of life, man creates in the form of flock and driven by a resentment, an escape to metaphysics, even if this requires submitting their freedom to a moral. Nietzsche strives to rescue the man back to the real world, introducing him to Superman figure, a strong be facing all the challenges of life in the name of great health. Superman says come to be, the constant yes to life, accepting everything it sprout. In this philosophical perspective, we seek to present the contributions of Nietzsche for education based on the autonomy of thinking for yourself.

Keywords: Christianity, Resentment, Superman, Education, Autonomy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1 CRISTIANISMO, EXPRESSÃO DA METAFÍSICA	8
1.1 O REVELAR-SE DA METAFÍSICA NO CRISTIANISMO	8
1.2 PARA UMA FILOSOFIA DE REBANHO	11
2 AFIRMAÇÃO DA VIDA COMO SUPERAÇÃO DO CRISTIANISMO	14
2.1 A FORÇA DO SUPER HOMEM	14
2.2 SIM À VIDA: REFLEXO DO ESPÍRITO DIONÍSIACO	17
2.3 AMOR <i>FATI</i> , O ETERNO SIM AO DESTINO	19
3 REFLEXOS NA EDUCAÇÃO	21
3.1 CRÍTICA A EDUCAÇÃO VIGENTE	21
3.2 SENHORES E ESCRAVOS	22
3.3 POR UMA NOVA EDUCAÇÃO	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

O ser humano busca incessantemente, ao longo de sua vivência, encontrar um sentido para a sua vida. Ele se encontra diante de tantas limitações, e com elas tantos questionamentos, que acaba por ficar desorientado perante tudo aquilo que lhe dá segurança e tranquilidade.

Em meio a tantas dúvidas e questionamentos, o homem acaba por necessitar de algo que lhe dê conforto e mansidão, que lhe dê a tranquilidade que não consegue encontrar no decorrer cotidiano de sua vida. Para suprir esta carência, eis que ele forja a existência de outro mundo, onde ele será destacado, tomará um lugar privilegiado, talvez até se tornando uma figura eminente. Eis que se mostra o vazio sentido pelo homem em sua vida, não conseguindo tomar as coordenadas de sua vida, seus anseios, apelando para algo que é improvável e metafísico, a religião.

O presente trabalho tem como tema a crítica à religião cristã e seu reflexo na educação, fundamentando-se no pensamento e nos escritos do filósofo alemão Nietzsche. O trabalho, para melhor compreensão está dividido em três capítulos. O primeiro: *Cristianismo, expressão da metafísica*, aborda como a instituição religiosa do cristianismo usou da metafísica e do ressentimento para guiar seus fiéis, colocando-os como que um rebanho regido por uma moral imposta. No segundo, *Afirmção da vida como superação do cristianismo*, busca-se apresentar a proposta de Nietzsche para superação deste ressentimento, baseando-se na força e saúde do super-homem, fundamentada no amor *fatí*. Concluindo o trabalho, o último capítulo, *Reflexos na educação*, aborda justamente como a crítica dedicada a moral cristã aparece e se assemelha a crítica que Nietzsche estabelece a educação. Nota-se neste capítulo o cerne do pensamento filosófico de Nietzsche, sua crítica aberta a toda moral imposta, impedindo a autonomia e liberdade do homem.

O problema do cristianismo, segundo Nietzsche, gira em torno desse mesmo apostar em outro mundo, em outra vida, em detrimento desta vida, desde mundo. O cristianismo reforça a ideia de que a alma é eterna e de que vale mais a vida eterna no além, do que esta vida em que o sofrimento impera. Por isso, diante das dificuldades e amarguras da vida, o homem cristão aprende a recorrer ao seu Deus, tomando como mola propulsora de sua vida terrena sua fé inabalável no além.

Nietzsche se põe decididamente do lado contrário da filosofia e dos ideais cristãos. E acaba buscando atingir o miolo de uma construção milenar que se institucionalizou reduzindo a vida terrena ao “niilismo”¹, ao nada, ao sem sentido. E o faz escrevendo sobre como o homem construiu esse “reino” e seu “Deus”, que seria egoísta em seu monoteísmo, ou melhor, em seu “monótono-teísmo”². Em sua luta contra todo tipo de metafísica, Nietzsche se dedica ao estudo e à crítica da existência desse tipo humano, chamado cristão, que toma como valor sua condição submissa aos conceitos de culpa, salvação, vida no além, os quais o fazem obedientes aos seus “pastores”³ e optam por viver em um determinado “rebanho”.

Após perpassar a crítica de Nietzsche à moral cristã, pode-se entender e refletir acerca da educação. Nota-se que a mesma crítica à moral cristã, o filósofo dirige ao sistema educacional de sua época. O presente trabalho busca evidenciar aspectos novos e pertinentes referentes a educação à partir da crítica nietzschiana à moral. Para ele, a escola forma homens reprodutores de um sistema que pensa de forma perfeita e imutável, desprezando a cultura.

Nietzsche afirma que a educação é uma possibilidade para desenvolver a autonomia, distanciando o homem de sua ingenuidade. Ele propõe esta liberdade, por meio da cultura e emancipação, como formas de transformação. O filósofo afirma acima de tudo a autonomia, ela é a crítica aos moldes tradicionais e artificiais da educação vigente. Nota-se uma necessidade urgente de uma nova educação que faculte o pensar por si mesmo.

A leitura de Nietzsche exige leitores que estejam abertos e dispostos às suas provocações, pois o filósofo é, com toda certeza, um provocador por natureza. Sem dúvida, é quase impossível ficar indiferente a uma leitura da obra, ou dos aforismos de Nietzsche.

¹ Na Genealogia da moral, o filósofo faz críticas abertas ao niilismo, que para ele seria um “anseio do vazio”, uma manifestação dos seres doentes que se conformam e idealizam o vazio e não um verdadeiro estado de força (vontade de potência).

² Trocadilho que Nietzsche faz ironicamente, para dizer do distanciamento entre Deus e o mundo. Encontra-se no *Anticristo* §19.

³ No § 8 do *Anticristo*, o filósofo declara o sacerdote como negador, caluniador, envenenador profissional da vida; como o advogado do nada e da negação.

1 CRISTIANISMO, EXPRESSÃO DA METAFÍSICA

1.1 O REVELAR-SE DA METAFÍSICA NO CRISTIANISMO

Em sua obra o *Anticristo*, Nietzsche combate a religião cristã com um fervor sem igual no ódio, de modo a não poupar críticas fortes e diretas. Neste livro, Nietzsche faz todo um histórico para atingir o miolo de uma construção milenar que se institucionalizou reduzindo a vida terrena ao niilismo, ao nada, ao sem sentido. Para Nietzsche o cristianismo, pela corrupção, perversão dos instintos humanos, inaugura uma guerra contra o tipo superior de homem. Em sua visão, a concepção cristã de Deus é uma das concepções mais corruptas que se pode dar ao homem.

Porém, no meio de seus ataques desdenhosos e violentos ao cristianismo, mais precisamente ao Novo Testamento⁴, Nietzsche poupa a pessoa de Jesus.

Na visão de Nietzsche, segundo LEFRANC (2005), o ressentimento era justamente o que estava bem longe de Jesus. Para ele, o que acabou depois da morte de Jesus, com o início da primeira comunidade cristã, foi a possibilidade de expandir-se como uma religião que não separa Deus dos homens, que encontra a felicidade real na terra e não no além, que não promete nada, nem ressurreição, nem julgamento de um Deus terrível.⁵

Jesus, para Nietzsche, aceitava sua morte como uma espécie de demonstração de seu ensinamento de doçura e de perdão. Por isso, questionava como um cristão que interpreta esta morte como um horrível sacrifício pode ainda valer-se de seu nome. Daí Nietzsche afirma: “A palavra cristianismo já é um mal entendido – no fundo só há um cristão, e ele morreu na cruz” (Nietzsche, 2007a, p. 45).

Mas este salvador, tal como Nietzsche o vê, não é o fundador de uma Igreja; pelo contrário, ele é a negação de toda organização. Ele se mostra apenas como anunciador da boa-nova, o evangelho do pacifismo, da doçura e da benignidade.

⁴ A Bíblia é dividida em dois grandes livros: Antigo e Novo Testamento. O Novo Testamento é inaugurado com a vinda do Messias, Jesus Cristo. Nesse novo testamento (aliança) vemos Jesus Cristo dando sua vida para a salvação dos que creem (tanto os do povo de Israel quanto as pessoas de outras nações). Também se destaca no Novo Testamento a inauguração da Igreja, que foi fundada e continuada pelos apóstolos.

⁵ Cf. LEFRANC, 2005.

Jesus Nazareno é uma nova maneira de existir; é a negação de toda hierarquia do judaísmo; é a negação de toda a fixação e organização da vida, a extrema interiorização na interioridade de um coração que não tem necessidade de qualquer instituição, pois é portador do reino de Deus (FINK, 1993, p. 147).

Uma vez que é tirada de Jesus a responsabilidade do desenvolvimento do cristianismo, Nietzsche a coloca na pessoa do apóstolo Paulo. Em contraste com este Jesus evangélico, ele vê em São Paulo um desprezo pelos ensinamentos de Jesus. Para o filósofo, São Paulo transforma a prática da vida do coração puro, ensinada por Jesus, numa Igreja com milagres, sacerdotes, com um sistema de recompensas e de castigos. São Paulo inventa o Além, o juízo final, a ascensão e várias outras coisas ditas “supremas”.⁶

Segundo Nietzsche, São Paulo teria escamoteado a única realidade do cristianismo, a beatitude, o reino de Deus no coração bondoso, isto é, a alegria da bondade, teria transferido a beatitude para além da morte e tê-la-ia interpretado como uma recompensa futura (FINK, 1983, p. 148).

Nesta perspectiva, Paulo seria o inventor da doutrina do juízo final e este seria o meio de que usou para fundar novamente, porém de forma mais radical, uma tirania sacerdotal e formar um “rebanho”. Nietzsche afirma:

Paulo quis os fins, portanto quis também os meios [...] O que ele mesmo não acreditava, acreditavam os idiotas aos quais lançou a sua doutrina. – Sua necessidade era o poder, com Paulo o sacerdote quis novamente chegar ao poder – ele tinha utilidade apenas para conceitos, doutrinas, símbolos com que são tiranizadas as massas, são formados os rebanhos. Qual a única coisa que Maomé tomaria depois do cristianismo? A invenção de Paulo, seu meio para a tirania sacerdotal, para a formação de rebanho: a fé na imortalidade – ou seja, a doutrina do “Juízo”(NIETZSCHE, 2007a, p. 49).

Nietzsche, o combatente da metafísica, expressa uma profunda aversão ao cristianismo. Para ele não existe outro mundo senão o nosso, o mundo terreno. Este “outro mundo” não sensível, imutável, intemporal, criado pelo cristianismo é, para Nietzsche, uma mera invenção. Segundo ele, inventaram a noção de “além”, “mundo verdadeiro”, para desvalorizar o único mundo que existe, para não deixar à realidade terrestre nenhum fim, nenhuma razão.⁷

⁶ Cf. LEFRANC, 2005.

⁷ Cf. NIETZSCHE, 2007a.

Segundo MARTON (2009), para Nietzsche, o homem ao deparar-se com sua própria finitude e se vendo incapaz de suportá-la, inventou o pensar metafísico e a religião cristã. E fez tudo isso para livrar-se da visão do sofrimento imposta pela morte. Porém, teve que pagar um preço alto: teve de negar este mundo, teve de condenar esta vida. “Ao camuflar a dor, hostilizou a vida; ao escamotear o sofrimento, tratou o mundo como um erro a refutar” (MARTON, 2009, p. 82). Com o pensar metafísico, tentou impor a existência de outro mundo, de um mundo imutável. Com a religião cristã, tentou forjar a existência de uma eterna.

Também vós amais a terra e as coisas terrenas: eu bem vos adivinhei! – mas há vergonha em vosso amor, e má consciência – vós semelhaiis à lua! A desprezar as coisas terrenas persuadiram vosso espírito, mas não vossas entranhas: mas estas são o mais forte em vós. E agora vosso espírito se envergonha de fazer a vontade de vossas entranhas e, para escapar à sua vergonha, toma caminhos furtivos e mentirosos (NIETZSCHE, 2011a, p. 116-117).

Ora, “fabular sobre um outro mundo, que não este”, adverte Nietzsche, “não tem nenhum sentido, pressupondo que um instinto de calúnia, apequenamento, suspeição contra a vida, não tenha potência em nós”. E acrescenta: “neste último caso vingamo-nos da vida com a fantasmagoria de uma outra vida, de uma vida melhor” (NIETZSCHE, 2006, p. 29).

O cristão, ou o ressentido, na visão de Nietzsche, tomando princípios transcendentais por base da moralidade, acaba por fabricar o ideal ascético⁸. Ele passa então, a encarar a penitência, a autoflagelação, o sacrifício, numa palavra, a negação de si, como satisfação. O ressentido cria outra vida, deseja ser de outro modo, quer estar em outra parte, porque nele a vida se encontra em degeneração. Todavia, diferentemente do que se poderia pensar, não se trata aqui de uma luta de “vida contra vida”, mas sim a luta da “vida contra a morte”.⁹

O ressentimento tem uma raiz profunda (o pânico diante da indiferença no universo vazio), mas um dos seus efeitos mais marcantes é exatamente a

⁸ Entende-se por Ascetismo o procedimento metódico de renúncia e austeridade corporal, a negação de desejos físicos ou psicológicos, empregado para o progresso da virtude, visando um ideal ou meta espiritual. O termo deriva do grego *askeo*, "exercitar", "treinar". Para o cristianismo, pode-se dizer de um suporte metafísico da religião onde se quer o nada. A figurado sacerdote seria a peça central do ideal ascético, pois, além de ser o seu representante mais expressivo, organizador e defensor do rebanho, é o responsável direto pela introdução da culpabilidade e pela transformação do doente em pecador, através da mudança de direção do ressentimento.

⁹ Cf. NIETZSCHE, 2007a.

tendência de nos tornar superficiais, porque assim nos protege da consciência do próprio ressentimento (PONDE, 2014, p. 20).

Nietzsche, no *Anticristo*, acusa como cerne do problema, o fato de sempre ensinarem os valores de *décadence* como os valores supremos, tomando a moral da renúncia de si, do declínio, buscando sempre o perecimento. E juntamente com essa decadência, encontra-se a “espécie parasitária”¹⁰ de homem, os sacerdotes, os teólogos, os decadentes.

1.2 PARA UMA FILOSOFIA DE REBANHO

Na filosofia de Nietzsche, o homem ressentido, o cristão, transforma sua fraqueza em virtude e toma para si o mérito da renúncia, da paciência, da resignação.

Desde seu aparecimento, a religião cristã empenhou-se em manter seu domínio, usando, para isto, as mais variadas formas. Inventou a noção de “pecado”, como instrumento de tortura e a noção de “livre-arbítrio” para confundir os instintos. O cristianismo criou a partir desse pensamento, uma moral; usou da mentira para criar uma “verdade”.¹¹

O sagrado pretexto de “melhorar” a humanidade como ardil para sugar a própria vida, torná-la anêmica. Moral como vampirismo [...] Quem descobre a moral descobriu com isso o não-valor dos valores todos nos quais se acredita ou se acreditou; nada mais vê de venerável nos tipos mais venerados e inclusive proclamados *santos*, neles vê a mais fatal espécie de aborto, fatais porque fascinavam... A noção de “Deus” inventada como noção-antítese à vida – tudo nocivo, venenoso, caluniador, toda a inimizade de morte à vida, tudo enfeixado em uma horrorosa unidade! (NIETZSCHE, 2009, p. 108-109).

Na obra *Anticristo*, Nietzsche afirma que a melhor forma de se enganar a humanidade é com a moral. O sacerdote, dessa forma, busca tornar o homem “infeliz”; esta foi a lógica usada por ele em todos os tempos¹². O cristianismo trouxe ao mundo o conceito de “pecado”, a noção de culpa e castigo, fazendo o homem olhar apenas para dentro de si, limitando-o apenas à visão de seu interior, não lhe dando

¹⁰ Termo usado por Nietzsche em sua obra *Ecce homo*.

¹¹ Cf. NIETZSCHE, 2009.

¹² No § 8 do *Anticristo*, o filósofo declara o sacerdote como negador, caluniador, envenenador profissional da vida; como o advogado do nada e da negação.

possibilidade de olhar para fora.¹³ Com base nesses fatos, segundo Nietzsche, define-se a moral usada pelos sacerdotes do cristianismo.

A realidade é que aí a mais consciente arrogância do eleito posa de modéstia: colocaram a si mesmos, a “comunidade”, os “bons e justos”, definitivamente de um lado, o da “verdade” – e o resto, “o mundo”, de outro [...] (NIETZSCHE, 2007a, p. 52).

E para que seja inserida de forma esplêndida essa moral, os sacerdotes utilizam conceitos como: “Lei, vontade de Deus, livro sagrado, inspiração”, de maneira a criar condições para eles se firmarem no poder, esses conceitos “se acham na base de todas as organizações sacerdotais, de todas as formações sacerdotais ou filosófico-sacerdotais de domínio” (NIETZSCHE, 2007a, p. 68).

Na *Genealogia da moral*, o filósofo analisa o modo pelo qual surge a moral dos ressentidos, a moral do qual nasce o papel do “fraco” e o papel do “forte”, os conceitos de “bem” e “mau”. Destaca-se então dois tipos de homens: o nobre/senhor e o desprezível/escravo. Esses tipos criam juízos de valor acerca de si e da vida, configurando, assim duas morais distintas: uma moral de senhores e uma moral de escravos. Deste modo, surgem valores de uma espécie dominante, onde a consciência é a própria diferença frente aos demais, ou de uma espécie dominada e dependente sob qualquer forma.¹⁴

Há moral de senhores e moral de escravos: acrescento desde logo que em todas as civilizações superiores e mais mistas [...] As diferenciações morais de valores nasceram, seja sob uma espécie dominante, que se sentia bem ao tomar consciência de sua diferença em relação à dominada – ou entre os dominados, os escravos e dependentes de todo grau (NIETZSCHE, 2012, p. 195-196).

Para AZEREDO (2003), o fraco diante dos nobres, corajosos, aqueles que se mostram maiores em força perante ele, cria a ideia de “mau”. Uma vez que conclui esta ideia, ele atribui a si mesmo a ideia de “bom”. Por outro lado, o forte entende que ele está na condição de “bom” e assim intitula o fraco, que se mostra diferente dele, como “ruim”. Eis que o fraco só consegue afirmar-se negando aquele a quem não consegue se igualar.

¹³ Cf. NIETZSCHE, 2007a.

¹⁴ Cf. AZEREDO, 2003. Bom e mau, bom e ruim.

Negação e oposição: essa é a lógica da moral do ressentimento. Aqui, força e maldade confundem-se. O ressentido avalia, antes de tudo, as ações e julga os homens em decorrência. Privilegiando o interesse geral e duradouro, em detrimento do particular e efêmero, comporta-se como “indivíduo coletivo” (MARTON, 2009, p. 191).

O tipo escravo, não possuindo impulsos que possam elevá-lo acima da coletividade individualmente, opta por uma moral que generalize ao invés de particularizar. A generalização não é mais do que uma reação de medo diante da diferença.¹⁵

A moral de escravos, consonante a Nietzsche, é, por conseguinte, uma moral de autodefesa, cuja caracterização se evidencia em suas avaliações. Avaliam como bom o que favorece à coletividade e como mau aquilo que a ameaça (AZEREDO, 2003, p. 77).

Nietzsche afirma que esse tipo de homem ressentido, “o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem – o cristão” (NIETZSCHE, 2007a, p. 11) se torna necessariamente um homem dependente, não conseguindo jamais se colocar como finalidade, ou seja, sem ter oportunidades de colocar finalidades a partir de si mesmo. Ele se desumaniza, passando a ser domesticado, tornando-se um “animal de rebanho”, quando deveria ver-se como criador, focalizando-se numa educação para o cultivo de si e como consequência, para autonomia cultural e crítica da própria existência.

¹⁵ Cf. AZEREDO, 2003. Bom e mau, bom e ruim.

2 AFIRMAÇÃO DA VIDA COMO SUPERAÇÃO DO CRISTIANISMO

2.1 A FORÇA DO SUPER HOMEM

Nietzsche, ao escrever *Assim falou Zaratustra*, anuncia o super-homem como o sentido da Terra. O homem antigo deve ser superado e, junto com ele, suas morais, suas decadências e toda metafísica. O super-homem está para além de bem e mal não como alguém ausente de submissão a valores, mas sim como aquele que afirma seus valores para uma vida sem refúgios, sem fugas metafísicas.

O super-homem difere do último homem em todos os sentidos. A começar pela exclusão de todos os valores que criam tipos humanos fracos, que odeiam este mundo e esta vida, que se colocam como ressentidos diante dos fortes.

Eles se acham friamente sentados na fria sombra: querem ser apenas espectadores em tudo, e evitam sentar-se ali onde o sol queima os degraus. Como os que ficam parados na rua e olham boquiabertos para a gente que passa: assim aguardam eles também, e olham boquiabertos para os pensamentos que os outros pensaram (NIETZSCHE, 2011a, p. 119).

Esse tipo humano fraco não consegue vingar como um tipo novo pelo fato de não conseguir desapegar das velhas tábuas de valores, sem as quais a vida na terra se tornaria insuportável. Esses, afirma Nietzsche, são os tipos decadentes, metafísicos. Dá-se aí a nítida divisão de quem manipula e de quem é manipulado: “[...] em suma, o *instinto de fraqueza* que, é verdade, não cria religiões, metafísicas, convicções de todo tipo – mas as conserva” (NIETZSCHE, 2001, p. 240). Todos estes conservam a tradição metafísica em sua necessidade de se apoiarem em algo firme, tão firme quanto suas crenças, seus artigos de fé.

Nietzsche denomina este tipo de homem, intitulado “último homem”, o homem “mais desprezível dos homens”, aquele que tudo torna pequeno, o “pulgão inextinguível” (NIETZSCHE, 2011a, p. 18), aquele que não sabe o que é criar, que não possui um grande anseio, que não é nem pode ser ponte para o super-homem. Ele é o homem dos pequenos prazeres e do conforto, o homem que, não sendo criador, mantém a velha tábua de valores.

O super-homem se mostra pela força, porém admitindo a dor e a morte, sem se esconder na fraqueza de um otimismo superficial. Para SOUZA (2010), o tipo super-homem é forte porque enfrenta sua fraqueza e a supera em nome do viver com

intensidade esta vida até o último momento de sua existência, ainda que tenha que conviver com a realidade da morte. Ele faz operar em si mesmo a “grande saúde”, aquela que mesmo estando doente, leva-o a conseguir ser saudável.

No primeiro discurso de Zaratustra, intitulado “Das Três Metamorfoses”, destaca-se como tema fundamental a modificação do ser humano, causada pela morte de Deus. Ressalta, neste discurso, uma transformação no homem de modo a aprimorar sua liberdade e sua autonomia. “Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, 2011a, p. 27).

Segundo AZEREDO (2011), o camelo significa o homem da grande veneração, que se inclina diante da hegemonia de Deus, que se coloca sob toda lei moral imposta a ele, que se abaixa e suporta o fardo pesado. No discurso de Zaratustra, este homem não busca ter uma vida fácil, e acaba por se conformar com o peso da vida cotidiana. Ele quer tarefas e mandamentos pesados e severos que não são fáceis de cumprir, acabando por oprimi-lo de forma pesada. Uma vez que se faz preso a um mundo de valores pré-determinados, coloca-se servilmente ao mandamento do “Tu deves”.

O camelo é a figura do homem decadente, mostrando-se como um animal que simplesmente venera, que sente necessidade de humilhar-se para suportar a vida.¹⁶ A vida para ele é vivenciada e vista de baixo, de joelhos, baseando-se em um fundamento metafísico. “Não é isso: rebaixar-se a fim de machucar sua altivez? Fazer brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria?” (NIETZSCHE, 2011a, p. 27). Trata-se de um espírito de carga, que tem que suportar uma carga que ele mesmo reclama. “Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado” (NIETZSCHE, 2011a, p. 27).

Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para o seu deserto. Mas no mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto (NIETZSCHE, 2011a, p. 28).

¹⁶ Cf. AZEREDO, 2011.

O camelo que, se encaminha apressadamente para o deserto, sofreu ali precisamente a sua transformação em leão. O espírito respeitoso e subalterno transforma-se em leão, isto é, rejeita os fardos que o oprimem, luta contra este Deus tomando consciência de sua alienação. O homem cria para si a liberdade; faz livre a liberdade que dormia nele até então, superando a fase da vida submissa regida por uma moralidade posta de antemão.¹⁷

O leão tem a tarefa de desmascarar os valores e ideais impostos até então. “Para desmascarar se faz necessária a força do leão, seu rugido de ruptura com tudo o que aprisiona o indivíduo aos pesados deveres ante os quais é necessário ajoelhar-se” (CRAGNOLI, 2011, p. 32). Se o camelo corresponde ao espírito de carga, o leão aparece para desvencilhar-se dos fardos.

Contudo, esta liberdade adquirida pelo leão, que é capaz de dizer não, que nega a Deus e seus mandamentos impostos, que nega toda metafísica ainda não chega ao seu auge. Esta liberdade ainda é negativa, pois diz de uma “liberdade de”, mas ainda não “liberdade para”. O leão opõe-se claramente ao “Tu deves”, que denomina o camelo, pois ele afirma o “Eu quero”¹⁸, porém a mera ruptura não basta. É necessária a força que permite criar, força da qual carece o leão, emprenhado no “não”, na negação de suas prisões.¹⁹

Aquilo que espreita o espírito livre é precisamente essa necessidade humana, demasiada humana, de descansar em algum princípio, em algum fundamento, com o conseqüente perigo de que esse princípio torne a transformar-se em princípio último e fundamento seguro como era Deus, a moral ou os bons costumes. Por isso, a negação constante é impossível sem a criação (CRAGNOLI, 2011, p. 32).

Mesmo na segunda transmutação do espírito, o criar permanece distante do simples prazer de fazê-lo, isto é, do exercício espontâneo de criar valores, de doar sentidos: “Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão” (NIETZSCHE, 2011a, p. 28).

Somente a criança possui essa inocência, a possibilidade de criação, a possibilidade de assumir o mundo como um jogo²⁰. Para a criança, nenhum jogo é o

¹⁷ Cf. FINK, 1983, O super-homem e a morte de Deus.

¹⁸ Cf. NIETZSCHE, 2011a, Das Três Metamorfoses.

¹⁹ Cf. CRAGNOLI, 2011.

²⁰ “Nietzsche invoca na metáfora do ‘jogo’ a natureza original e verdadeira da liberdade como criação de novos valores e de mundos de valores. O jogo é a natureza da liberdade positiva. Com a morte de

último ou verdadeiro para além do momento e das circunstâncias em que o está jogando.

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo (NIETZSCHE, 2011a, p. 29).

Em sua inocência, a criança se torna livre de todas interpretações morais que lhe cercam, pois ela não visa finalidades; ela vive a liberdade da vontade, sem restrições. Nesse caso, sem finalidade e sem responsabilidade, ela vive a condição do vir-a-ser, na autonomia de criação, como que se vivesse em um jogo, podendo a cada momento viver a liberdade de começar de novo.²¹

Dentro deste pensamento, Nietzsche busca alguém capaz de viver essa condição de vir-a-ser e se colocar na possibilidade de a cada momento começar de novo. Então, dentro da perspectiva da criança, Nietzsche anuncia o super-homem. O homem, nessa perspectiva, terá de estar para além de todo o bem e o mal, terá de se colocar para além do homem criatura, para além das interpretações moralistas que o cercam. Eis que esse homem, para Nietzsche, revela-se como um super-homem, uma vez que o termo além compreende a mudança radical de perspectiva.²²

O homem é algo que deve ser superado. [...] Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem? Que é o macaco para o homem? Uma risada, ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: uma risada, ou dolorosa vergonha. [...] O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem seja o sentido da terra! (NIETZSCHE, 2011a, p. 13-14).

2.2 SIM À VIDA: REFLEXO DO ESPÍRITO DIONÍSIACO

Em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o homem tem de dar sentido à própria vida; em vez de aguardar que venham redimi-lo, deve amar cada instante como ele é. Se a ruína do cristianismo trouxe como consequência

Deus, torna-se manifesto o caráter lúdico e arriscado inerente à existência humana. O espírito criador do homem reside no jogo” (FINK, 1983, p. 77).

²¹ Cf. AZEREDO, 2011.

²² Cf. AZEREDO, 2011.

a sensação de que “nada tem sentido”, “tudo é em vão”, trata-se agora de mostrar que a visão cristã não é a única interpretação do mundo, porém só mais uma.²³

Nietzsche afirma que se faz necessário amar a vida sem limites, negando todo pensamento metafísico. É preciso estar em sintonia com os sentidos, os impulsos, os afetos; negar tudo o que até então se venerou e afirmar tudo o que até então se negou. Eis que com a chegada do super-homem, busca-se conquistar a “grande saúde”²⁴.

Para SOUZA (2010), o tipo saudável de Nietzsche é aquele para quem a doença não é desculpa para desistir da vida, para um não querer viver ao máximo esta vida. A vida não está para o homem, mas, antes, é o homem que está para a vida; o homem deve, portanto, colocar sentido na sua existência e não ao contrário, uma vez que a vida para fluir não necessita de sentido.²⁵

Enquanto um tipo dionisíaco, o super-homem sabe suportar a dor e o sofrimento do mundo. Ele afirma a vida nas condições mais adversas porque ama lutar, ama crescer, ama querer um “a mais” de vida, desta vida.²⁶ O super-homem não se deixa guiar pela filosofia metafísica do outro mundo, pela busca da perfeição, pela busca da vida no além.

Não, a vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa [...] e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça! E o conhecimento mesmo: para outros pode ser outra coisa, um leito de repouso, por exemplo, ou a via para esse leito, ou uma distração, ou um ócio – para mim ele é um mundo de perigos e vitórias, no qual também os sentimentos heroicos têm seus locais de dança e de jogos. “A vida como meio de conhecimento” – com este princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até viver e rir alegremente! (NIETZSCHE, 2001, p. 215).

Não causa surpresa que Nietzsche se diga “um discípulo do filósofo Dionísio” (NIETZSCHE, 2009, p. 15). Ele reivindica a necessidade de destruição, mudança, vir-a-ser, reclama o processo permanente de criação. Quer afirmar este mundo tal como ele é, “esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio e do eternamente-destruir-a-si-próprio, esse mundo secreto da dupla volúpia, esse meu para além de bem e mal”; quer afirmar esta vida tal como ela é, interpretando seu

²³ Cf. MARTON, 2009. O eterno retorno do mesmo.

²⁴ Cf. SOUZA, 2010.

²⁵ Cf. SOUZA, 2010, Nietzsche, um homem dionisíaco e trágico ou de como nos tornamos dionisíacos.

²⁶ Cf. SOUZA, 2010.

caráter efêmero “como gozo da força procriadora e destruidora, como criação contínua” (NIETZSCHE, 2002 citado por MARTON, 2009, p. 66).

2.3 AMOR *FATI*, O ETERNO SIM AO DESTINO

Nietzsche, no super-homem, afirma o vir-a-ser, o constante sim à vida e à sua natureza, aceitando tudo que dela brotar. Inspirado no espírito dionisíaco, o super-homem é aquele que ama e vive cada instante da vida.

Dentro de sua filosofia ética²⁷, ele fornece um imperativo para a ação: o de só querer algo de forma a também querer que retorne sem cessar e, com isso, remete a noção de amor *fati*²⁸, o amor ao destino. “Nem conformismo, nem submissão passiva: *amor*, nem causa, nem fim: *fatum*. Converter o impedimento em meio, o obstáculo em estímulo, o adversário em aliado, é afirmar, com alegria, o mundo do vir-a-ser” (MARTON, 2009, p. 133).

Desta forma, a metafísica é a perspectiva de quem não ama esta vida terrena, ou seja, a perspectiva de quem a nega. A metafísica somente existe para aqueles que não amam seu destino, sua própria vida. Por isso Nietzsche afirma o amor *fati*, amor ao destino²⁹.

Amar o “que passa”: horror da metafísica que busca o eterno por medo da vida. Amar “o instante”: dor da metafísica que o considera permutável, superável. Amar o que traz o acaso, *amor fati* que abraça a vida em todos os seus aspectos, mesmo os mais terríveis (CRAGNOLI, 2011, p. 36).

Afirmando este pensamento, Nietzsche apela pelo amor à vida como ela é, ainda que com os sofrimentos. Segundo SOUZA (2010), não se trata de amar o sofrimento, mas a vida que não existe sem ele. Assim, o próprio viver é amor *fati*. O filósofo insiste que se viva intensamente esta vida terrena. Viver cada instante do dia com toda a intensidade de vida que o homem pode fazer, eis que se mostra a sublimidade do amor *fati*, ser um eterno afirmador da vida.

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra

²⁷ Cf. MARTON, 2009. Nietzsche e Hegel, leitores de Heráclito.

²⁸ “Amor *fati* é uma expressão que Nietzsche emprega na *Gaia ciência*, no parágrafo 276, e que continuará a empregar para designar a sua atitude e a sua afirmação fundamental em face da existência e do mundo”. (ALMEIDA, 2005. p. 168).

²⁹ O *fatum* é a palavra latina utilizada por Nietzsche para se referir ao destino.

ao que é feio. Não quero acusar nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2001, p. 187-188).

O amor *fati* é um sim, não é negação, nem indiferença, é um querer. Ele diz de uma vontade de pertencimento ao mundo, uma vontade que deseja realizar a vida mesmo com suas dificuldades, problemas ou adversidades.

Minha forma para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo*[...] (NIETZSCHE, 2009, p. 49).

Afirma e apela Nietzsche em seu Zaratustra: “permaneçei fiéis à terra” (NIETZSCHE, 2011a, p. 14), com espírito selvagem, bom e livre, um verdadeiro Zaratustra, com o belo riso estampado no valor da corporeidade. Este seria, para Nietzsche, o autêntico espírito livre do super-homem, edificado por sua autonomia e liberdade.

3 REFLEXOS NA EDUCAÇÃO

3.1 CRÍTICA A EDUCAÇÃO VIGENTE

Educação e cultura são, para Nietzsche, inseparáveis. Não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que a apoie. A educação recebida nas escolas alemãs partia de uma concepção historicista, ou seja, mera repetição de conhecimentos.

Em suas conferências *Sobre o Futuro de nossos Estabelecimentos de Ensino*³⁰, Nietzsche examina as entranhas do sistema educacional de sua época, percebendo que o Estado e os negociantes são os primeiros grandes responsáveis pela depauperação da cultura. Eles aniquilavam a lenta maturação do indivíduo, exigindo uma formação rápida para terem a seu serviço funcionários eficientes e estudantes dóceis, que aprendam rapidamente a ganhar dinheiro.³¹

Sabemos que entregamos precipitadamente nossa alma ao Estado, ao lucro, à vida social ou à ciência, simplesmente para não mais possuí-la. (NIETZSCHE, 2012b, p. 208).

Segundo DIAS (2001), a decadência da cultura que Nietzsche acusa na sua época tem como responsáveis os governantes, que instalam nos ginásios e nas universidades uma formação de alunos e professores voltada exatamente para o serviço do Estado ou para o atendimento do mercado.

O que Nietzsche censura, ao afirmar que a cultura não é serva do ganha-pão e da necessidade, é a falta de o *gymnasium* e a universidade se terem voltado para a profissionalização e, apesar disso, continuarem a acreditar que são lugares destinados à cultura, quando na verdade não se distinguem muito da escola técnica em seus objetivos. (DIAS, 1993, p. 99).

Nestas condições, os estudantes ficam carentes de verdadeiros guias intelectuais, e se perdem na superficialidade e futilidade das disciplinas que lhes são ministradas por mestres sem vocação e sempre dispostos a acatar as exigências que lhes vem do Estado ou do mercado.

³⁰ NIETZSCHE, 2012. Escritos sobre a Educação.

³¹ Cf. Dias, 2001.

Os pobres professores e educadores foram primeiramente atordoados por este estrépito insensato, depois reduzidos ao silêncio e enfim embotados, mas eles suportam tudo com a mesma resignação com a qual passam agora tudo a seus alunos. (NIETZSCHE, 2012. p. 320).

Nietzsche critica as escolas da época por terem se transformado em “escolas profissionais” e as universidades em “escolas especializadas”. Ele reconhece que as escolas alemãs da sua época tinham perdido de fato suas bases culturais, filosóficas e científicas anteriores e se tinham entregado indefesas aos desígnios do Estado. Condena desta forma, os estabelecimentos de ensino, acusando-os de educar para a mentira e fazer da mentira um meio de educação ³².

Quanto ao professor, apenas fala aos estudantes que o escutam. O professor não provoca o estudante a pensar por si mesmo, busca apenas bons ouvintes. “O professor fala. Os estudantes escutam. Em geral, o professor quer ter o maior número possível de ouvintes, em caso de necessidade ele se contenta com alguns, quase nunca com um só”. (DIAS, 1993, P.100).

O que ele pensa ou faz está separado por um imenso abismo da percepção dos estudantes. Resumidamente, o professor apenas “lê” enquanto fala.

Não há mais educadores; não se compra jamais com este nome senão pessoas que não são elas próprias educadas. Há professores, mas não educadores, palafreiros, não cavaleiros (NIETZSCHE, 2012b. p. 312).

Nota-se que os professores estão a reproduzir o conhecimento e os valores que estão postos no sistema, que nada mais faz que repetir e reforçar o ressentimento, já expresso na filosofia nietzschiana.

3.2 SENHORES E ESCRAVOS

Nietzsche põe em relevo os dois tipos de homem: o homem nobre, aristocrático e excelente; e o homem servil, obediente e vulgar, fruto de uma comunidade e de uma moral onde imperam a vulgaridade, a indiferença e a igualdade.³³

³² Aqui, a mentira filantrópica do professor consiste em fazer crer a seus alunos que a especialidade do seu conhecimento deve ser soberana e submeter todas as outras, que o conhecimento específico deve submeter a vida e a filosofia. (Cf. Escritos sobre Educação, 2012).

³³ Cf. NIETZSCHE, 2010a.

Há moral de senhores e moral de escravos: acrescento desde logo que em todas as civilizações superiores e mais mistas [...] As diferenciações morais de valores nasceram, seja sob uma espécie dominante, que se sentia bem ao tomar consciência de sua diferença em relação à dominada – ou entre os dominados, os escravos e dependentes de todo grau (NIETZSCHE, 2012a, p. 195-196).

Diz o filósofo, na *Genealogia da Moral* que o medo funda a moral de escravos, uma vez que o ressentido teme aqueles que são potentes e diferentes dele. A existência de dois tipos diferentes o assusta e o amedronta, por isso, ele cria uma moral de defesa da coletividade, uma moral de rebanho. O tipo escravo, não possuindo impulsos que possam elevá-lo acima da coletividade individualmente, opta por uma moral que generalize ao invés de particularizar. A generalização não é mais do que uma reação de medo diante da diferença.³⁴

Nietzsche afirma que esse tipo de homem ressentido, “o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem” (NIETZSCHE, 2007, p. 11) se torna necessariamente um homem dependente, não conseguindo jamais se colocar como finalidade. Ele se desumaniza, passando a ser domesticado, tornando-se um “animal de rebanho”, quando deveria ver-se como criador, focalizando-se numa educação para o cultivo de si e do pensar autônomo.

Aqui se revela a opção pela massa, pelo rebanho, expresso em Nietzsche. A falta de coragem pela liberdade e autonomia, faz o oprimido se dirigir a um grupo que se identifique, dando-lhe a impressão de atuação.³⁵

3.3 POR UMA NOVA EDUCAÇÃO

Nietzsche, ao deparar-se com os métodos e os processos pedagógicos apresentados pelos estabelecimentos de ensino de sua época, colocando-se contra estas escolas que apenas formam homens comuns e especialistas sem compromisso com a cultura autêntica, exige uma “nova educação”³⁶. Ele tem claramente a intenção de reformar a educação, elevando a cultura contra a mediocridade de sua época, especialmente na Alemanha. A palavra final de Nietzsche é a de que “a educação da

³⁴ Cf. AZEREDO, 2003. Bom e mau, bom e ruim.

³⁵ Para PASCHOAL, o “ressentimento é um problema do homem individual, fraco, incapaz de reagir frente às adversidades da vida e de digerir o veneno produzido pela vingança não realizada” (PASCHOAL, 2014, p. 12).

³⁶ Cf. NIETZSCHE, 2012b, p. 35.

juventude precisa de guias” (NIETZSCHE, 2012b, p.44). Eis a educação exigida por ele:

Uma educação que manda cultivar a sensibilidade no sentido da criação de uma humanidade superior, para além da sensibilidade animal, uma educação que joga com a exemplaridade do educador e com a disponibilidade do educando. (NIETZSCHE, 2012b, p. 45)

A nova educação deveria impedir que os homens cedessem a uma propensão exclusiva e se tornassem passivos, tendo em vista a tendência natural da divisão de trabalho. “Trata-se de criar seres soberanos, capazes de abarcar o todo num golpe de olhar e assistir como espectadores ao jogo da vida”. (NIETZSCHE, 2012b, p. 335).

Para tanto, é preciso começar a reestruturar os próprios educadores. “Educar os educadores! Mas os primeiros deviam educar-se a si mesmos!”. (NIETZSCHE, 2012b, p. 7). O filósofo nota que a necessidade deles se faz cada vez maior, porém a qualidade é cada vez mais medíocre.

Função do educador: O mestre deve ser ao mesmo tempo asas e freio para os seus discípulos, quer dizer, ele deve dar as condições para que eles se elevem, mas também deve conter os seus ímpetos e arroubos da imaturidade. (NIETZSCHE, 2012b, p. 39).

Nietzsche afirma que o educador deve imediatamente reconhecer o ponto forte dos seus alunos e dirigir então todas as energias, todas as forças sobre este ponto, a fim de levar à maturidade e à fecundidade esta única virtude.³⁷ Na visão educacional de Nietzsche, a humanidade deve constantemente “trabalhar para engendrar os grandes homens – eis aí a sua tarefa, e nenhuma outra” (NIETZSCHE 2012b, p. 212). Porém, por mais que haja falhas e desencontros referente aos educadores, o filósofo reconhece que estes acabam sendo um mal necessário. Na obra *O viajante e sua sombra*, Nietzsche afirma:

Deve-se considerar sempre o professor como um mal necessário, exatamente como se faz com o comerciante: um mal que é preciso reproduzir o mínimo possível. (NIETZSCHE, 2007c, p.132).

Não é por acaso que Nietzsche, ao escrever *Assim falou Zaratustra*, anuncia o “super-homem” como o sentido da Terra. O homem submisso deve ser superado e,

³⁷ Cf. NIETZSCHE, 2012b, p. 167.

junto com ele, suas morais, suas decadências. O super-homem está para além de bem e mal não como alguém ausente de submissão a valores, mas sim como aquele que afirma seus valores para uma vida sem refúgios, sem fugas.

Nietzsche, com o super-homem, propõe a instituição de uma nova tábua de valores a partir da negação dos valores tradicionais impostos. A concepção ética de Nietzsche é simples e clara: a vida do homem consiste na vontade de poder. Os seres humanos mais elevados são os que são capazes de se auto-superarem, quebrando as tradições que os prendem a realidades rasteiras. Para voar alto é preciso quebrar as amarras da tradição, da obediência e da servidão.

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo. É perigoso transpô-lo, é perigoso estar a caminho, olhar para trás, é perigoso tremer e ficar parado no lugar. O que há de grande no homem é ele ser uma ponte e não um fim: o que pode ser amado no homem é ser ele transição e perdição (NIETZSCHE, 2011, p. 16).

Somente assim, dispostos a transformar a educação vigente, haverá possibilidades de surgirem novos homens, livres e autônomos. Explicitamente, na obra *Escritos sobre a educação*, Nietzsche recomenda: “O grande meio indispensável para a formação (Bildung) dos grandes homens é a filosofia que liga o saber a arte” (NIETZSCHE, 2003, p. 31).

Necessariamente, o ensino no Brasil, da mesma forma que Europa e a tão comentada Alemanha do filósofo, clama por uma formação e cultura superior, fundamentada no espírito de Zaratustra, que ressalta a importância da filosofia e da arte, bem como a gaia ciência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche afirma que é necessário amar a vida sem limites, é preciso estar em sintonia amorosa com os sentidos, os impulsos, os afetos. Eis que surge daí sua grande desavença com a religião cristã e a educação de sua época, pois para Nietzsche o cristianismo toma por base princípios que aniquilam a vida, princípios estes ascéticos, enquanto os estabelecimentos de ensino cortam todo projeto de autonomia dos estudantes. Na filosofia nietzschiana, estes se tornam ressentidos, assumindo para sua vida a penitência, o sacrifício, ou seja, a negação de si mesmo.

Para Pondé ³⁸, mesmo com a morte de Deus, o ressentimento permanece ainda hoje expresso na sociedade. A sociedade moderna, mesmo superando a religião, de certa forma, ainda deixa o ressentimento persistir em suas mais diferentes formas, seja na estética, na política e até mesmo na ética.

Nietzsche quer trazer ao homem sua própria autenticidade. Para ele cada um deve aprender a tornar-se o que se é, como afirma em sua autobiografia. Ele se coloca contra toda manipulação, contra tudo aquilo que busca elaborar uma “massa de manobra” por parte daqueles que se dizem “superiores”. Nietzsche faz uma forte denúncia, sem medo, contra todo e qualquer tipo de “arrebanhamento”, seja imposta pela religião, política ou educação.

O filósofo afirma que esse tipo de homem ressentido se desumaniza, passando a ser domesticado, tornando-se um “animal de rebanho”, quando deveria ver-se como criador, focalizando-se numa educação para o cultivo de si. Nota-se toda busca de Nietzsche pela autonomia e liberdade do homem. Em sua busca de resgatar o pensamento dionisíaco, Nietzsche exclui todo pensamento metafísico imposto pelo cristianismo. O filósofo segue o objetivo de aniquilar toda filosofia de rebanho, trazendo novamente o homem para o mundo real, o mundo terreno.

Diz Nietzsche na máscara de Zaratustra: “Deus morreu; nós queremos, agora, que o super-homem viva” (NIETZSCHE, 2011a, p.272). Eis que Nietzsche anuncia o super-homem, aquele que se mostra pela “vontade de poder”, admitindo a dor e a morte, sem se esconder na fraqueza de um otimismo superficial.

³⁸ Cf. PONDÉ, 2014, p. 20.

O tipo super-homem é forte porque enfrenta sua fraqueza e a supera em nome do viver com intensidade esta vida até o último momento de sua existência, ainda que tenha que conviver com a realidade da morte. O super-homem faz operar em si mesmo a “grande saúde”, aquela que mesmo estando doente, leva-o a conseguir ser saudável. Segundo Nietzsche, o super-homem é aquele “tipo saudável”, para quem a doença não é desculpa para um abandonar a vida, para um não querer viver ao máximo de potência esta vida.

Para Nietzsche, por mais que o homem tenha que passar por sofrimentos, angústias, dificuldades, crises, isso não deveria ser para ele, motivo de negação da vida. Não é fácil ser afirmador da vida em situações desfavoráveis, porém Nietzsche apela para que o homem assuma essa filosofia dionisíaca do devir, de um eterno dizer sim a tudo isso.

Nietzsche afirma que tudo aquilo que há de grande no homem é traduzido pela fórmula amor *fati*, esse amar, em si e em tudo, o próprio destino que é a vida de cada um e de tudo o que existe como devir. Nada querer além daquilo que existe na realidade, nem atrás de si, nem diante de si, nem também na eternidade. Não se deve contentar em apenas suportar aquilo que se mostra irreduzível, nem menos ainda tentar encobri-lo; deve-se querê-lo, assumi-lo, “amá-lo”. Amar a fatalidade é um modo todo próprio de realizar a grandeza expressa pelo super-homem.

O sofrimento, no pensamento de Nietzsche é a oportunidade para desencadear a transvaloração de todos os valores tradicionais impostos até então pela cultura da decadência, de massificação, alienação.

Eis que assim se evidencia a reflexão e crítica de Nietzsche acerca da educação. Toda sua filosofia sobre a moral reflete diretamente à educação. O Filósofo propõe uma educação pautada na liberdade, na autonomia do homem. Nada imposto, mas sim tudo construído, seja com desafios e dificuldades. E o filósofo reconhece o tamanho do erro nesta busca:

A educação [...] perdeu o principal: o fim, bem como o meio para alcançar p fim – e não “O Reich” -, que para alcançar esse fim se necessita de educadores – e não de professores ginasiais e eruditos universitários (NIETZSCHE, 2006, p. 70).

Nietzsche apela por novos estabelecimentos de ensino, por novos educadores, por um novo sistema de educação, que vise acima de tudo a autonomia

do estudante, em síntese, Nietzsche propõe uma nova educação. Somente dispostos a transformar a educação vigente, haverá caminhos possíveis para novos homens, livres e autônomos. Explicitamente em *O Livro do Filósofo*, Nietzsche ressalta que “todo pensar é um refletir, um discernir” (NIETZSCHE, 1987, p. 21 e 40). Eis a educação proposta pelo filósofo, uma educação pautada na autonomia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério Miranda. **Nietzsche e o paradoxo**. São Paulo: Loyola, 2005.
- AZEREDO, Vânia Dutra. **Nietzsche e a dissolução da moral**. 2 ed. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editoria Unijuí, 2003.
- _____, Vânia Dutra. As transmutações do espírito no Zaratustra de Nietzsche. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Tiago. **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 61-72.
- CRAGNOLINI, Mônica B. Como introdução à leitura de Assim falou Zaratustra. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Tiago. **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 17-36.
- DIAS, Rosa Maria. **Cultura e educação no pensamento de Nietzsche**. In: Rev. Impulso, Piracicaba, v. 12, n. 28, p. 33-40, 2001
- _____, **Nietzsche Educador**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.
- FINK, Eugen. **A filosofia de Nietzsche**. Trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MARTON, Scarlett. **Extravagâncias, ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. 3 Ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **O desafio Nietzsche**. In: *discurso* 21 (1993). Trad. da Comissão Editorial. São Paulo: Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, p. 7-29.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.
- _____, **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2012a.
- _____, **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____, **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____, **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____, **Escritos sobre Educação**. Trad. Néli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

_____, **Escritos sobre Educação**. Trad. Néli Correia de Melo Sobrinho. 6ª Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2012b.

_____, **Fragmentos finais**. Trad. Flávio R. Khote. Brasília/ São Paulo: Editora UnB/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

_____, **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____, **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

_____, **O Anticristo: Maldição ao cristianismo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____, **O livro do filósofo**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

_____, **O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

_____, **O Viajante e sua sombra**. São Paulo: Editora Escala, 2007c.

_____, **Vontade de Potência**. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011b.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e a auto-superação da moral**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

_____, **Nietzsche e o ressentimento**. São Paulo: Editora Humanitas, 2014.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A Era do Ressentimento. Uma agenda para o contemporâneo**. São Paulo: LeYa, 2014.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Nietzsche: fidelidade à terra e a transmutação de todos os valores. In: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do romantismo até nossos dias**. 10 ed. São Paulo: Paulus, 2007. v. 3. p. 421-437.

RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores**. São Paulo: Discurso Editorial e Editorial Barcarolla, 2010.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**. Trad. Lya Lett Luft. 2ª Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SOUZA, Mauro Araújo. **Nietzsche: Viver intensamente, tornar-se o que é**. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

VASQUES, Joseane. Uma interpretação de Das cátedras da virtude como alegoria para o niilismo moderno. In: DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabina; BARROS, Tiago. **Leituras de Zaratustra**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 97-104.